



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA BENTO XVI
À COMUNIDADE DA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO SAGRADO CORAÇÃO DE MILÃO
POR OCASIÃO DO 90º ANIVERSÁRIO DE FUNDAÇÃO**

*Sala Paulo VI
Sábado, 21 de Maio de 2011*

Senhores Cardeais

Magnífico Reitor

Ilustres Professores

Distintos representantes dos funcionários

Queridos estudantes

Sinto-me muito feliz por ter este encontro convosco, que formais a grande família da Universidade Católica do Sagrado Coração, que surgiu há noventa anos por iniciativa do Instituto Giuseppe Toniolo de Estudos Superiores, entidade fundadora e garante do Ateneu, por feliz intuição de Padre Agostinho Gemelli. Agradeço ao Cardeal Tettamanzi e ao Prof. Ornaghi, as calorosas palavras que me dirigiram em nome de todos.

O nosso é um tempo de grandes e rápidas transformações, que se reflectem também sobre a vida universitária: a cultura humanista parece estar atingida por um progressivo desgaste, e a ênfase é posta sobre as disciplinas chamadas «produtivas», de âmbitos tecnológico e económico; vê-se a tendência a reduzir o horizonte humano ao nível do que é medível, a eliminar do saber sistemático e crítico a questão fundamental do sentido. Depois, a cultura contemporânea é incline a confinar a religião fora dos espaços da racionalidade: na medida em que as ciências empíricas monopolizam os territórios da razão, não parece haver mais espaço para as razões do crer, e portanto a dimensão religiosa é confinada na esfera do opinável e do privado. Neste contexto, as motivações e as próprias características da instituição universitária são postas radicalmente em questão.

Noventa anos após a sua fundação, a Universidade Católica do Sagrado Coração encontra-se a viver nesta fase histórica, na qual é importante consolidar e incrementar as razões pelas quais nasceu, dando aquela conotação eclesial que é evidenciada pelo adjectivo «católica»; de facto, a Igreja «perita em humanidade», é promotora de humanismo autêntico. Sobressai, nesta perspectiva, a vocação originária da Universidade, nascida da pesquisa da verdade, de toda a verdade, de toda a verdade do nosso ser. E com a sua obediência à verdade e às exigências do seu conhecimento ela torna-se escola de *humanitas* na qual se cultiva um saber vital, se forjam altas personalidades e se transmitem conhecimentos e competências de valor. A perspectiva cristã, como quadro do trabalho intelectual da Universidade, não se opõe ao saber científico e às conquistas do engenho humano, ao contrário, a fé alarga o horizonte do nosso pensamento, é caminho para a verdade total, guia de progresso autêntico. Sem orientação para a verdade, sem uma atitude de pesquisa humilde e ousada, qualquer cultura se fende, cai no relativismo e se perde no efémero. Ao contrário, se for subtraída à presa de um reducionismo que a mortifica e a circunscreve pode abrir-se a uma interpretação deveras iluminada do real, desempenhando assim um autêntico serviço à vida.

Queridos amigos, fé e cultura são grandezas indissolivelmente relacionadas, manifestação daquele *desiderium naturale videndi Deum* que está presente em cada homem. Quando se interrompe esta união, a humanidade tende a fechar-se e a limitar-se às suas capacidades criativas. É então necessário que numa Universidade haja uma autêntica paixão pela questão do absoluto, pela própria verdade, e por conseguinte também pelo saber teológico, que no vosso Ateneu faz parte integrante do currículo. Unindo em si a audácia da pesquisa e a paciência da maturação, o horizonte teológico pode e deve valorizar todos os recursos da razão. A questão da Verdade e do Absoluto — a questão de Deus — não é uma investigação abstracta, separada da realidade do quotidiano, mas é *pergunta crucial*, da qual depende radicalmente a descoberta do sentido do mundo e da vida. No Evangelho funda-se uma concepção do mundo e do homem que não cessa de libertar valores culturais, humanísticos e éticos. Por conseguinte, o saber da fé ilumina a pesquisa do homem, interpreta-a humanizando-a, integra-a em projectos de bem, arrancando-a à tentação do pensamento calculador, que instrumentaliza o saber e faz das descobertas científicas meios de poder e de submissão do homem.

O horizonte que anima o trabalho universitário pode e deve ser a paixão autêntica para o homem. Só no serviço ao homem a ciência se desenvolve como verdadeira cultura e guarda do universo (cf. *Gn 2, 15*). E servir o homem é praticar a verdade na caridade, é amar a vida, respeitá-la sempre, começando pelas situações nas quais ela é mais frágil e indefesa. Esta é uma das nossas tarefas, especialmente em tempos de crise: a história da cultura mostra como a dignidade do homem foi reconhecida verdadeiramente na sua integridade à luz da fé cristã. A Universidade Católica está chamada a ser lugar no qual aquela abertura ao saber, aquela paixão pela verdade, aquele interesse pela história do homem que caracterizam a autêntica espiritualidade cristã assumem a forma de excelência. Pôr-se de facto em atitude de fechamento e de distância face à perspectiva da fé significa esquecer que ela foi ao longo da história, e ainda

hoje é, fermento de cultura e luz para a inteligência, estímulo a desenvolver todas as potencialidades positivas para o bem autêntico do homem. Como afirma o Concílio Vaticano II, a fé é capaz de iluminar a existência. O Concílio diz: «A fé ilumina as coisas com uma luz nova e faz-nos conhecer a vontade divina sobre a vocação integral do homem, orientando assim o espírito para soluções plenamente humanas» (*Gaudium et spes*, 11).

A Universidade Católica é o lugar onde isto deve verificar-se com eficácia singular, sob o perfil quer científico, quer didático. Este serviço peculiar à Verdade é dom de graça e expressão qualificante de caridade evangélica. A afirmação da fé e o testemunho da caridade são inseparáveis (cf. *1 Jo* 3, 23). De facto, o núcleo profundo da verdade de Deus é o amor com o qual Ele se inclinou sobre o homem e, em Cristo, lhe ofereceu dons infinitos de graça. Em Jesus nós descobrimos que Deus é amor e que só no amor podemos conhecê-lo: «Todo aquele que ama é gerado por Deus e conhece Deus porque Deus é amor» (*1 Jo* 4, 7.8) diz São João. E Santo Agostinho afirma: «*Non intratur in veritatem nisi per caritatem*» (*Contra Faustum*, 32). O ápice do conhecimento de Deus alcança-se no amor; aquele amor que sabe ir à raiz, que não se contenta com expressões filantrópicas ocasionais, mas ilumina o sentido da vida com a Verdade de Cristo, que transforma o coração do homem e o arranca aos egoísmos que geram miséria e morte. O homem precisa de amor, o homem tem necessidade de verdade, para não dispersar o frágil tesouro da liberdade e não estar exposto à violência das paixões e a condicionamentos abertos e ocultos (cf. *João Paulo II*, Enc. *Centesimus annus*, 46). A fé cristã não faz da caridade um sentimento vago e lastimoso, mas uma força capaz de iluminar os caminhos da vida em cada uma das suas expressões. Sem esta visão, sem esta dimensão teológica originária e profunda, a caridade contenta-se com a ajuda ocasional e renuncia à tarefa profética, que lhe é própria, de transformar a vida da pessoa e as estruturas da sociedade. Este é um compromisso específico que a missão na Universidade vos chama a realizar como protagonistas apaixonados, convictos de que a força do Evangelho é capaz de renovar as relações humanas e penetrar no coração da realidade.

Queridos jovens universitários da «Católica», vós sois a demonstração viva daquele carácter da fé que muda a vida e salva o mundo, com os problemas e as esperanças, com as interrogações e as certezas, com as aspirações e os compromissos que o desejo de uma vida melhor gera e a oração alimenta. Queridos representantes dos funcionários técnico-administrativos, sede orgulhosos das tarefas que vos são atribuídas no contexto da grande família universitária, em apoio à multiforme actividade formativa e profissional. E a vós, queridos Professores, está confiado um papel decisivo: mostrar como a fé cristã é fermento de cultura e luz para a inteligência, estímulo a desenvolver todas as suas potencialidades positivas, para o bem autêntico do homem. Aquilo que a razão divisa, a fé ilumina e manifesta. A contemplação da obra de Deus abre ao saber a exigência da investigação racional, sistemática e crítica; a busca de Deus fortalece o amor pelas letras e pelas ciências profanas: «*Fides ratione aduatur et ratio fide perficitur*», afirma Hugo de São Víctor (*De sacramentis*, 1, III, 30: PL 176, 232). Nesta perspectiva, coração pulsante e alimento constante da vida universitária é a Capela, à qual está unido o

Centro pastoral onde os Assistentes espirituais das diversas sedes são chamados a desempenhar a sua preciosa missão sacerdotal que é imprescindível para a identidade da Universidade Católica. Como ensina o Beato João Paulo II, a Capela «*é lugar do espírito, onde se detêm em oração e encontram alimento e orientação os que crêem em Cristo, que vivem com modalidades diversas a experiência do estudo académico; é lugar onde se exercitam as virtudes cristãs, onde cresce e se desenvolve com coerência a vida baptismal; é casa acolhedora e aberta, para todos aqueles que, escutando o Mestre interior, se fazem pesquisadores da verdade e servem o homem na dedicação diuturna a um saber, não satisfeito de horizontes estreitos e pragmáticos. No contexto da modernidade declinante, ela não pode deixar de ser centro vivo e propulsivo de animação cristã da cultura, no diálogo respeitoso e franco, na proposta clara e motivada (cf. 1 Pd 3, 15), no testemunho que interroga e convence*» (*Discurso aos Capelães europeus*, 1 de Maio de 1998). Assim disse o Papa João Paulo II em 1998.

Queridos amigos, desejo que a Universidade Católica do Sagrado Coração, em sintonia de intenções com o Instituto Toniolo, prossiga com renovada confiança o seu caminho, mostrando eficazmente que a luz do Evangelho é fonte de verdadeira cultura capaz de haurir energias de um humanismo novo, integral e transcendente. Confio-vos a Maria *Sedes Sapientiae* e com afecto vos concedo de coração a minha Bênção Apostólica.